

INDÚSTRIA CULTURAL E EDUCAÇÃO¹ - GT 20

Autor: **Mariano Luiz Sousa dos Santos**

Graduado em Pedagogia

Orientador: **Paulo Lucas da Silva**

Doutor em Educação

xingualtamira2011@hotmail.com

Universidade Federal do Pará

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender a relação que há entre indústria cultural, sociedade, semicultura e trabalho como produto. É um estudo proveniente da monografia de conclusão de curso com o título Educação e Semiformação do qual foi retirado e adaptado o ensaio Indústria Cultural e Educação. O que provoca desta interação da indústria cultural e sociedade é um comportamento social acelerado, de difícil relacionar entre as pessoas e ingrediente facilitador de barbáries. A educação neste contexto deve ser pensada como capaz de desestabilizar a adaptação cega à realidade, à preparação e a busca das necessidades do homem, a qual não deve ser a sua autodestruição.

Palavras-Chave: Indústria Cultural. Semiformação Cultural. Trabalho. Sociedade.

Introdução

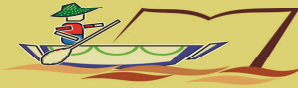
Neste estudo o objetivo é compreender a relação de trabalho na sociedade da indústria cultural e a semiformação provocada por esta interação. O caminho que a humanidade é conduzida é feito pelos próprios homens que ajudam a construir um contexto social que deforma a própria sociedade que desumaniza em barbáries.

A semiformação socializada dificulta alcançar a humanização mediante uma formação cultural e o que provoca é uma barreira para o desenvolvimento da cultura e educação no seio da sociedade que é administrada pela indústria cultural, mas que deixa um caminho possível para sua desestabilização e possibilidade de uma dinâmica social humana.

Indústria Cultural e Educação

Os empecilhos para a emancipação neste contexto são gerados pela indústria cultural. Indústria Cultural foi um termo desenvolvido por Adorno e refere-se à comunicação via mídia a qual provoca a construção de um tipo de cultura impactada pelo processo de produção industrial e das atividades mercantis. As ideias disseminadas por esta indústria, forja atitudes do público que dela utiliza, contribui para o pensamento que as relações sociais desenvolvidas acontecem naturalmente, pois, mascara, hipnotiza e fragiliza o poder de superação da realidade como ela é.

¹ Texto extraído da monografia - Educação e Semiformação – de conclusão do curso de licenciatura plena em pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA – *campus* Altamira) e adaptado para este evento.



A indústria cultural determina toda a estrutura de sentido da vida cultural pela racionalidade estratégica da produção econômica, que se inocula nos bens culturais enquanto se convertem estritamente em mercadorias; a própria organização da cultura, portanto, é manipulatória dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os aos sentidos econômicos e políticos e, logo, à situação vigente (ADORNO, 2012, p. 21).

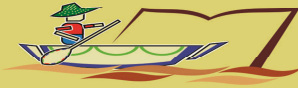
A cultura passa a ter caráter de produto de mercado, a dinâmica social é revertida em sistema simbólico da própria indústria, e tudo que é produzido tem a gênese no fetiche de mercadoria, todos os bens culturais perdem a essência humana e o espírito das coisas passa a ser a semiformação.

Os produtos passam a serem divulgados por meios de comunicação, de tal forma que estes prometem uma realização de quem do seu uso faz, mas que tal promessa não é cumprida e daí surge a necessidade de adquirir um novo produto ou bem cultural.

No início os instrumentos e meios de propagação era o cinema, o rádio, gramofone, fonógrafo, grafophone, cinetoscópio, cinematógrafo e com passar dos tempos foram modernizados os instrumentos e as modalidades de interação de passivo ou ativo, passou a ser interativo, em tempo real é possível ver uma guerra ou a vida das pessoas no *reality show* (DUARTE, 2010, p. 9, 23, 24, 99).

Grandes empresas investiram maciçamente mesmo não recebendo de volta o lucro pensado, pois esse não é o único propósito da indústria cultural, a disseminação e construção de conformidade ao *status quo* é um dos objetivos. Dentre as grandes empresas *Sony Music*, *Columbia Pictures*, *M.C.A/Universal*, *Twentieth Century Fox*, *Sky*, *Time Warner*, *Paramount* entre outras, no Brasil era a Rádio *Phillips*, Rádio Nacional, TV Tupi, TV Globo e o produto mais típico da indústria cultural brasileira era as telenovelas. Nos intervalos das telenovelas era disseminado também um tipo de comportamento, o da compra, mediante a *merchandising* produtos eram expostos (algo que ainda acontece na contemporaneidade) entre os intervalos das novelas (DUARTE, 2010, p. 81, 92, 104, 113, 114). Tipo de propaganda que atualmente ainda acontece nos intervalos das novelas e das várias programações televisivas.

A partir destas ideias disseminadas entre os espectadores e por toda a sociedade, contribui para um mal na cultura, a semiformação generalizada, abrangendo um número sempre maior e crescente, desde as crianças até as pessoas mais idosas. A modelação da cultura pela indústria ou Indústria Cultural “é a cultura totalmente convertida em mercadoria” (ADORNO, 2012, p. 23). Esta manipulação racional por ser bem elaborada é a irracionalidade da semiformação, apropria-se do trabalho (no sentido ontológico)



como condição humana para o trabalho naturalizado, trabalho (sentido histórico) morto, o qual obscurece o esclarecimento e produz as condições para que se repita Auschwitz (ADORNO, 2012, p. 21).

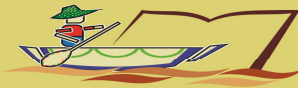
Auschwitz é um conjunto de campo de concentração na Alemanha nazista que tratavam e também matavam barbaramente judeus, ciganos, entre outros grupos condicionados pelos nazistas que deveriam ser extirpados da sociedade. O que Auschwitz tem de ligação com a educação e com os problemas sociais existentes, do ponto de vista relacional, está vinculado com o processo educacional que deveria favorecer o crescimento gradativo da libertação da humanidade, o qual foi obscurecido com o uso da razão como instrumento de dominação e diferenciação, e, as mazelas sociais e os diversos conflitos existentes no mundo, são decorrentes do mesmo processo que resultou Auschwitz, o poder do esclarecimento que desaguou em barbárie.

A constituição da sociedade capitalista pariu atitudes de barbárie e um exemplo na história mundial é Auschwitz, momento o qual Adorno conhece muito bem, foi deportado para os Estados Unidos da América por ser judeu e desenvolver uma linha de pensamento que era contrária ao poder político e econômico do partido nacional-socialista, portanto ele sempre referencia este episódio como modelo que não deve se repetir, daquilo que pode acontecer com esse progresso da semiformação social capitalista.

O que não falta são exemplos de barbárie e constatação do que Adorno aborda em seus escritos sobre as condições que geram essas atrocidades como em Hiroshima e Nagasaki, as ditaduras militares sul-americanas, a miséria e violência africana, a criminalidade no Rio e São Paulo provenientes das drogas, entre outros acontecimentos mostram a atualidade das análises de Adorno sobre as condições que geram a barbárie segundo Zuin, Pucci, Oliveira (2012, p. 188).

Entre outras realidades como as regiões brasileiras em que predominam rios com capacidade de construções de hidrelétricas recebem as instalações e funcionamento destas obras com a promessa de melhorias para região com empregos, desenvolvimento em infraestrutura para cidade como estradas; água canalizada, tratada e distribuída para todas as residências; hospitais; escolas; novos cursos para as universidades públicas, entre outros serviços para uma vida melhor.

Entretanto a promessa que traz esperança de vida melhor com humanização é a mesma que arrebatou a população com condições de tristeza e amargura com o aumento drástico da violência, assassinatos, prostituição infantil, acidentes de trânsito, entre



outros como desemprego, escolas e hospitais sucateados e com pequenas reformas, acordos ilícitos entre as pessoas que deveriam proporcionar as melhorias na cidade, burlam aquilo que deveria ser feito e assim garantem a permanência das mazelas e injustiças sociais, grupos com a ideologia de coletivo em prol da democracia, mas que não é esse o interesse, exclui as minorias que possui e expõe ideias contra o poderio vigente de tais grupos que querem prevalecer no poder a qualquer custo.

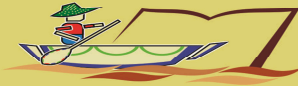
O desenvolvimento humano conquistado com o passar do tempo, as melhorias advindas da tecnologia, que é importante também para as habilidades, destrezas e proficiências da humanidade, tem ao mesmo tempo um cunho humanizador e de barbárie, humaniza com a promoção das melhorias para viver, mas barbariza com as destruições da natureza, represamento de rios, morte de animais e peixes, florestas devastadas, famílias desalojadas ou deslocadas para outras áreas, tratamento desumano com o povo em prol de uma possível exigência do Estado que irá beneficiar um contingente maior.

A fragilidade acontece, neste contexto, quando um projeto é colocado em prática sem o diálogo com todas as lideranças possíveis, inclusive as advindas realmente do povo, das comunidades, apenas decidem aqueles que podem e colocam as suas ideias para valerem mais do que as demais, com o aparato da segurança nacional para não haver oposições que possa dar efeito.

Na verdade, o progresso evidente, a elevação geral do nível de vida com o desenvolvimento das forças produtivas materiais, não se manifesta nas coisas espirituais com efeito benéfico. [...] Dizer que a técnica e o nível de vida mais alto resultam diretamente no bem da formação, pois assim todos podem chegar ao cultural, é uma ideologia comercial pseudodemocrática (ADORNO, 1996, p. 12).

Somente as melhorias materiais para a adaptação ao mundo não bastam para promover a formação cultural, pois se assim fosse a sociedade já teria produzido o suficiente para que as pessoas agissem de um jeito condizente com diversas dificuldade do povo como a miséria. Será que não há suficientemente alimentação para que muitos não vivassem na escassez de alimento para a subsistência?

A relação entre a necessidade do homem e as transformações na natureza, leva a uma dificuldade de interação, o trabalho (sentido ontológico) é subvertido de força do espírito para força do capital (sentido histórico), o qual aprisiona o trabalhador em sua ação que poderia ser sua ferramenta para a emancipação, porém foi roubado e transformado em mercadoria.



A indústria cultural gera esta racionalidade técnica que é a realidade social, um tipo de deformação chamada de semiformação (*Halbbildung*), esta palavra alemã traduzida segundo Alex Thomson (2010, p. 97) é pseudocultura e também pode ser entendido como educado pela metade, e de acordo com Adorno (2005, p. 11) a “semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria”. O espírito é a força impulsionadora de realizar algo, assim como o trabalho como força humana de criação, mas, se compreendidos como reestruturados no valor de mercadoria, provoca a semicultura ou a semiformação e a reificação do ser/indivíduo e torna-o coisa, em termos de sociedade da indústria cultural.

As relações entre as pessoas passam a ser intermediada pelo valor de troca, e este valor de troca encobre o bem viver, o bom relacionar, o véu da reificação toca nas interações de tal modo que tudo se transforma em coisa e objeto com valor de mercadoria, coisificado. O objeto que se sobrepõem ao homem, no trabalho o tipo de profissão ou cargo encobre o trabalhador, a profissão que é exercida enaltece ou diminui a pessoa.

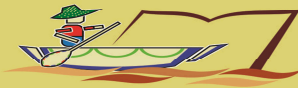
Na educação, o trabalho (no sentido histórico) pode ser contribuidor para a experiência educativa ou dificultadora. O estudante trabalhador necessita de tempo para estudar e precisa do trabalho para manter as necessidades advindas do consumo, porém nem sempre as atividades trabalhistas permitem o convívio nas escolas e universidades, pois há a precisão de tempo para participar dos momentos educativos e realizar as tarefas concernentes deste ensino formal.

A importância do empregador compreender esta necessidade da participação de seu colaborador (trabalhador) na educação escolar, é um caminho que poderá ser o início da educação como desestruturadora da semiformação socializada, pois quanto mais pessoas participarem do processo educativo, maior será a possibilidade de uma sociedade melhor.

Conclusão

A educação como formadora de uma consciência verdadeira está longe de ser alcançada, os profissionais que compõe a escola também estão submersos na semiformação, o que porém há de promissor são aqueles interessados para construir uma cultura que forma e não deforma, para ir contra a cultura de mercado (a semiformação) e resistir a adaptação cega ao existente.

Várias instâncias que compõem a sociedade, assim como a escola carrega a possibilidade de erguer uma dinâmica social que não seja perversa com os



trabalhadores, a educação escolar poderá proporcionar mudanças sociais e gerar formação de consciência verdadeira e crítica e de qualidade ao maior número possível de pessoas da pré-escola aos demais níveis de escolaridade, o que pode modificar a realidade social e resistir a Indústria Cultural.

Garantir a permanência nas experiências educativas formais as quais poderão constituir novos rumos de atuação em sociedade que levará “a revelação de que os fatos são socialmente construídos e, portanto, passíveis de modificação e transformação; a certeza de que o tecido autoritário deixa lacunas que permitem construir outras formas de relacionamento entre as pessoas” (SCHULTZ, 2001, p. 127).

Escola que não seja entendida como preparação para a conquista de um emprego ou profissão, mas que seja alcançada a escola que forme pessoas humanas para uma sociedade humana e desestruture as bases que geram as barbáries sociais, semiformação e indústria cultural, a mesma que trata a educação formal apenas como via direta de um trabalho melhorado.

Referência Bibliográfica

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2012. [Tradução de Wolfgang Leo Maar].

ADORNO, Theodor. **Teoria da Semicultura**. Editor. Nilton Santos. Porto Velho: Editora Universidade Federal de Rondônia, 2005 (ano IV, n.191, agosto). Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/191_pdf>. Acesso em: 7 mar. 2014.

ADORNO, Theodor. **Notas Marginais Sobre Teoria e Práxis**. 1969. Disponível em: <http://www.oocities.org/jneves_2000/tadorno1.htm>. Acesso em: 20 jan. 2015.

DUARTE, Rodrigo. **Indústria Cultural: Uma Introdução**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SCHULTZ, Lenita Maria Junqueira. **Por uma Pedagogia Crítica: Reflexões Sobre Algumas Tendências em Educação**. 2001. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/670>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

THOMSON, Alex. **Compreender Adorno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. [Tradução: Rogério Bettoni].

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos de. **Adorno: O Poder Educativo do Pensamento Crítico**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.